

Programa AFROUNEB: Um “movimento negro educador” na Bahia

AFROUNEB Program: A “black educational movement” in Bahia

 Luiz Gustavo Santos da Silva *

Recebido em: 2 mar. 2022
Aprovado em: 16 maio 2022

Resumo: Este artigo compõe um dos capítulos da tese de doutorado intitulada “O que a gente não registra, o vento leva: diálogos com intelectuais negros(as) da Bahia”, defendida no ano de 2022 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ). A pesquisa contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). O texto contém reflexões a partir de uma experiência no programa de formação de professores(as) AfroUneb, apresentando a sua proposta e os seus desdobramentos que culminaram em texto de mestrado. Na dissertação, afirmou-se a importância do método da história oral utilizado nas entrevistas com os (as) participantes da formação, um conjunto de narrativas que permitiu a socialização de suas experiências, tornando-as comunicáveis e desencadeando importantes movimentos de abertura, (re)construção e ressignificação de memórias. Nesse artigo, entende-se o Programa AfroUneb, instituído no ano de 2005, como um “Movimento Negro Educador”, ator fundamental e agente promotor da implementação da Lei 10.639/03 no estado da Bahia.

Palavras-chave: Lei 10.639/03. Formação de professores(as). Movimento Negro Educador.

Abstract: This article composes one of the chapters of the doctoral thesis entitled “What is not registered the wind takes away”: dialogues with black intellectuals from Bahia”. defended in 2022 at the Graduate Program in Education at the University of State of Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ). The research was funded by the Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). The text contains reflections from an experience in the AfroUneb teacher training program, presenting its proposal and its consequences that culminated in a master’s research. In the dissertation, the importance of the oral history method used in the interviews with the participants of the training was affirmed, a set of narratives that allowed the socialization of their experiences, making them communicable, triggering important opening movements, construction and resignification of memories. In this article, the AfroUneb Program, established in 2005, is understood as a “Black Educator Movement”, a fundamental actor and agent promoting the implementation of Law 10.639/03 in the state of Bahia.

Keywords: Law 10.639/03. Teacher training. Black Educator Movement.

* Luiz Gustavo Santos da Silva é licenciado pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc (UNEB). Doutor pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - ProPEd (UERJ). Pesquisador do Grupo de Pesquisa FIRMINA - PÓS-COLONIALIDADE: Educação, História, Cultura e Ações Afirmativas (UNEB) e do Grupo de Pesquisa Culturas e identidades no cotidiano (ProPEd - UERJ). Compõe o Conselho Fiscal da APNB (Associação de Pesquisadorxs Negrxs da Bahia), atuando como pesquisador associação. Contato: gustavofirmina@gmail.com

Introdução

Apresentamos reflexões sobre a importância do Programa de Formação de Professores (as) AfroUneb na implementação da Lei nº 10.639/03 na cidade de Santo Antônio de Jesus – Bahia. Aliado a um conjunto de respostas da Universidade do Estado da Bahia/UNEB para a implementação da Lei nº 10.639/03 no âmbito de alguns municípios da Bahia, ele teve impacto direto nas subjetividades e posicionamentos pedagógicos de muitos(as) estudantes negros(as) de graduação, vinculados inicialmente ao coletivo Nyanga¹ e posteriormente bolsistas do programa. Acredita-se que o programa seja a culminância localizada de toda a trajetória de ações antirracistas ocorridas no Campus V, em Santo Antônio de Jesus. Uma atuação singular nas ações de formação de professores (as) da educação básica nas regiões atendidas, especificamente do Recôncavo baiano.

O tempo-espaço da formação docente e sua interface com a educação das relações étnico-raciais é algo complexo, merece reflexões que passem ao largo de simplificações. Sendo assim, parte-se do pressuposto de que devemos, antes de tudo, problematizar a própria noção de “transmissão de conhecimentos” que está subsumida nesta ação, tensionando uma compreensão linearizada do próprio termo “formação”, pautada na crença dos “atos inaugurais” e restrita aos processos de certificação e treinamento. Entendemos que essa concepção de formação muitas vezes está aportada em conhecimentos homogeneizadores que valorizam apenas os saberes científicos, estabelecidos como “neutros”, universais e acessíveis a todos (as).

Aqui entra em cena um dos pilares da colonialidade do saber, ou seja, uma visão de mundo que fornece os pressupostos fundacionais de todo o edifício dos conhecimentos modernos. Para Lander (2005, p. 21), esta cosmovisão tem como eixo articulador central a própria ideia de modernidade, noção que captura complexamente pelo menos quatro dimensões básicas. Destacamos duas que são importantes para a discussão proposta neste artigo, quais sejam: a visão universal da história e a superioridade de alguns conhecimentos em detrimento de outros.

Essas dimensões sedimentam os saberes científicos pensados, conduzidos e instituídos a partir dos interesses e das questões daqueles (as) cujas vozes pretenderam (e pretendem) representar toda a humanidade, paradigmas hegemônicos, baseados na propriedade da “verdade” e que ao longo dos últimos quinhentos anos inspiraram a filosofia e as ciências ocidentais daquilo denominado como sistema - mundo patriarcal/capitalista/colonial/moderno (GROSGUÉL, 2008, p. 19). Ainda conforme os autores citados, isso permite compreendermos que qualquer conhecimento válido é sempre

contextual. Para além de certos patamares demarcadores de diferenças, o que importa aqui é entender que as experiências sociais são constituídas por vários conhecimentos (políticos, culturais, econômicos etc.), cada um com seus critérios de validade.

Os tempos-espaços da formação docente não estão alheios a estes processos, são atravessados por questões de poder e controle que acabam por conformar as relações estabelecidas dentro deles. Lugares que eventualmente (re)apresentam formas de conhecimento, práticas de linguagem, relações e valores sociais que são ao mesmo tempo seleções e exclusões específicas da cultura mais ampla.

A formação de professores (as) não comporta um conceito unívoco, porém, hoje talvez seja consensual entre estudiosos (as) entendê-la como espaço que possibilita a reflexão e a tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão. Diante disso,

há uma variedade de paradigmas de formação de professores (as), impregnados, cada um deles, de concepções diferentes de professor, expressas por qualificativos como: tradicional, centrado nas competências, personalista ou orientado para a investigação. [...] Independentemente das concepções adotadas e das imagens assumidas, há que ter presente que o formar-se professor dá-se num processo contínuo, seja nas fases distintas do ponto de vista curricular realizadas durante a formação inicial, seja na progressiva educação, proporcionada pelo exercício docente. (GARCIA, 1995 apud GOMES & SILVA, 2002, p. 14-15)

Muitos autores(as) através de suas publicações se dedicam ao estudo da formação docente apontando para questões que vão num sentido contrário a uma visão estática, conteudista, limitada a domínios de técnicas de ensino. Esse deslocamento é bem sinalizado por Nóvoa (1995, p. 89) ao afirmar que mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores(as) é o momento crucial da socialização e da configuração profissional. Pensamos que essa socialização, de certa forma, produz (ou mesmo força) naqueles(as) que formam uma atenção maior à complexidade dos atos formativos que acabam se entrecruzando em cada pessoa, em cada docente. Para Moita (1995, p. 113), a compreensão destes atos “mesmo que feita por aproximações é uma tarefa que se impõe de forma algo paradoxal na medida em que a formação é uma realidade que ‘escapa’ aos formadores porque é fundamentalmente indeterminada”.

Outros autores, a exemplo de Paulo Freire (1996, p. 44), atestam a importância da produção da criticidade nesses locais ao sinalizar que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que

se pode melhorar a próxima prática". A necessidade de se pensar a formação como esfera privilegiada de concretização de uma educação para a emancipação e autonomia do ser humano, priorizando a formação integral do educando vem na esteira do seu pensamento. Para este grande pensador o exercício da docência exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos formandos, criticidade, ética e estética, corporificação das palavras pelo exemplo, aceitação do novo, rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento, assunção da identidade cultural e competência profissional. (FREIRE, 1996, p. 67)

Vários são os caminhos que apontam na direção do que seria uma formação docente de qualidade e emancipatória e quase unânime é a posição daqueles(as) que defendem a necessidade de se pensar um processo formativo que valorize tanto a prática realizada pelos(as) professores(as) no cotidiano da escola, quanto o conhecimento que provém das pesquisas realizadas na universidade, de modo a estreitar teoria e prática na produção do conhecimento profissional. Nessas dimensões, a formação aparece associada ao processo de melhoria das práticas pedagógicas desenvolvidas pelos(as) professores(as) em suas rotinas de trabalho e em seu cotidiano escolar.

Há algum tempo grande parte dos estudos e das investigações educacionais vem redirecionando seus interesses, definindo novos objetos e novas abordagens no campo da formação. No início século XXI, as professoras Nilma Lino Gomes e Petronilha Beatriz (2002, p. 22) apontavam para o crescente interesse nas questões que focalizavam as histórias de vida, o desenvolvimento profissional e a formação de docentes reflexivos. Contudo, para as autoras, articular estas questões requeria atenção, pois, se tratava de um processo complexo que ultrapassava a simples questão curricular.

Essa complexidade pode ser melhor captada a partir de dois prismas: se entendermos que os espaços-tempos de formação são atravessados por processos políticos e culturais, constituindo ou mesmo posicionando socialmente sujeitos praticantes pensantes² com diferentes concepções de vida, visões de mundo, histórias e trajetórias diversas, tecendo experiências e sentidos no fazer-se professor(a); se compreendemos esses locais como organizações onde problemas políticos, sociais e culturais são redesenhados por rotinas, cotidianos e tradições, atravessados por tensões e conflitos, práticas e experiências sociais os mais variados possíveis e não apenas como um centro transmissor de conhecimentos. Então, como as pesquisas com os cotidianos podem contribuir nessa discussão?

Para Lacerda e Oliveira (2016)

as pesquisas nos/dos/com os cotidianos vêm desinvisibilizando muitas dessas práticas, algumas delas emancipatórias, e buscando mostrar como os praticantes do cotidiano as tecem enquanto mecanismos de criação e resistência ao papel que lhes tem sido atribuído pelas políticas oficiais. Nesse sentido, desenvolvem reflexões críticas sobre suas práticas, redirecionando-as em busca do exercício das funções social, política e pedagógica que pretendem assumir para favorecer o acesso, a permanência e o sucesso escolar de seus alunos e alunas, podendo, dessa forma, contribuir para o processo de construção de uma sociedade menos excludente e desigual e mais justa, cognitiva e socialmente. (p. 1217)

Falar em formação docente no Brasil é remeter-se a um cenário complexo, permeado de inquietações, pensá-la na interface com as relações étnico-raciais acrescenta mais complexidade ao debate, pressupõe uma nova concepção de educação e formação, olhar atento e sensível. Entender tais questões no contexto educacional, especialmente no âmbito do curso de formação de professores(as) é fundamental já que a educação no Brasil sempre esteve, ao menos no plano discursivo, preocupada com a formação do(a) cidadão(a) e do(a) brasileiro(a), mas, sempre manteve ausentes aportes pedagógicos que considerassem a diversidade étnico-racial indicando explicitamente que cidadania, identidade e mesmo memória eram pretendidas.

Consideramos o Programa AfroUneb uma resposta concreta não só a essas questões como também à efetiva implementação da Lei 10639/03 no estado da Bahia. Em 2005, por edital público, o Ministério da Educação, através do Secretaria de Educação Superior (SESU) e Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI), convocou Instituições Públicas de Educação Superior a apresentarem projetos voltados para o ensino, pesquisa e extensão universitária no âmbito do "UNIAFRO - Programa de Ações Afirmativas para a População Negra nas IES". A Universidade do Estado da Bahia concorreu neste Edital e foi selecionada com o "Programa AfroUneb - Ações afirmativas, igualdade racial e compromisso social na construção de uma nova cultura universitária", tendo como Núcleo proponente o Laboratório de Cultura Negra do Departamento de Ciências Humanas – DCH/Campus V, em Santo Antônio de Jesus. Instituído, o programa foi dividido em três etapas: 1ª - Material didático e memória; 2ª - Formação de Professores (as) e Pesquisa; 3ª - Avaliação e Acompanhamento, no período entre 01 de julho de 2005 e 01 de maio de 2006.

As atividades estruturadas a partir das áreas podem ser elencadas da seguinte forma: Na Área 1 - Material didático e memória, as ações dividiam-se em: um. Livro/curso em CD-ROM com conteúdos específicos e manual impresso de orientação metodológica; 2. Website com curso interativo e auto-aplicável; 3. Vídeo

artístico-documentário com a memória audiovisual do Programa; 4. Livro impresso com artigos teóricos, metodológicos e memória escrita do Programa; 5. Coleção Editorial AfroUneb; e 6. Oficina Permanente de Produção de Material Didático. Na Área 2 - Formação de Professores(as) e Pesquisa, compreendiam as ações: 7. Formação complementar de 250 professores(as) do ensino fundamental; 8. Inserção no currículo de formação básica das licenciaturas da UNEB e atividades de extensão; 9. Formação complementar através de extensão universitária e formação de núcleos de estudos; e 10. Implantação de área interdisciplinar de pesquisa no Programa de Pós-Graduação do Campus V. Por fim, na Área 3: Avaliação e Acompanhamento, concentrava a ação 11. Sistema Institucional Informatizado de Avaliação do Programa de Cotas e acompanhamento de tutoria.

No período de julho de 2005 a maio de 2006 as ações do projeto eram realizadas em Salvador e em outros quatro municípios do interior do estado, quais sejam, Santo Antônio de Jesus, cidade com 90.985 habitantes³; Senhor do Bonfim (382 km da capital e com 81.330 habitantes); Itaberaba (287 km da capital e com 64.489 habitantes); e Alagoinhas (137 km da capital e com 141.949 habitantes).

Fazemos alusão a dois momentos ímpares do AfroUneb, relevantes para as discussões desenhadas aqui. A etapa 1, que tratou da produção do material didático e questões sobre memória e a etapa 2, cujo objetivo foi pensar a formação de professores(as) e a pesquisa. Entre suas metas, referencio o suprimento às redes públicas de ensino fundamental do estado da Bahia com material didático e metodologias cujos conteúdos se relacionavam à História da África e História e cultura afro-brasileira, usando vários suportes, formatos, recursos de linguagem e de comunicação; seleção e provimento com uma bolsa de estudos a um grupo de 35 estudantes afro-brasileiros(as) da UNEB e demais estudantes voluntários. Os(as) estudantes candidatos(as) deveriam manifestar interesse na prática da pesquisa, na disciplina de trabalho em equipe e na produção de material a ser utilizado no ensino fundamental e formação de 250 professores (as) do mesmo nível de ensino, sendo atendidos 50 educadores (as) em cada um dos cinco municípios de alcance imediato do Programa, capacitando-os a atuarem com conteúdos e metodologias relacionados à Lei 10.639.

O curso de formação foi oferecido em três módulos de 30 horas cada, totalizando 90 horas, dando subsídios aos(às) docentes para trabalharem com História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, como previa a Lei. Segundo os princípios do Programa, essa ação específica voltada para a formação em serviço buscou articular a formação pessoal, profissional e institucional deste grupo de docentes, subsidiando e fomentando a

construção de uma nova prática pedagógica que interiorizasse nos seus fundamentos, a importância histórica das experiências das populações negras na Bahia, no Brasil e no continente africano.

A atuação enquanto bolsista de iniciação científica do Programa Afrouneb (2006) oportunizou observar mais de perto muitas questões trazidas aqui, as experiências, convívios, vivências acumuladas resultaram na dissertação de mestrado intitulada “Formação continuada de professores(as) e relações étnico-raciais/AfroUneb: ‘experiências’ narradas em Santo Antônio de Jesus/Ba”, defendida em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da UNEB Campus I, na Linha de Pesquisa Processos Civilizatórios: Educação, Memória e Pluralidade Cultural.

A tarefa principal da pesquisa consistiu em refletir sobre a produção de conhecimentos e saberes que emergiram dos discursos de docentes das séries finais do ensino fundamental que frequentaram a formação do AfroUneb, em Santo Antônio de Jesus, lançando mão dos procedimentos metodológicos das denominadas histórias de vida no campo da História oral. A escolha das(os) entrevistadas(os) foi definida entre aquelas(es) que mantinham vivas as discussões relativas às questões étnico-raciais nas escolas em que trabalhavam.

Analisou-se também as narrativas de professoras que se encontravam na condição de vice-diretoras (duas) e uma coordenadora de projetos da Secretaria Municipal de Cultura do município de Santo Antônio de Jesus. As duas vice-diretoras atuavam em escolas onde eventualmente o Coletivo Nyanga era convidado na condição de palestrantes/estudantes bolsistas do Programa, para debater os conteúdos da Lei 10.639. O trabalho com as histórias orais de vida e a socialização das narrativas foi uma tentativa de permitir que suas experiências se tornassem visíveis e comunicáveis, desencadeando importantes movimentos de reconstrução e ressignificação de memórias no campo da formação docente e educação das relações étnico-raciais. Os primeiros relatos foram colhidos ao longo do ano de 2010 e o último foi obtido em 2011.

Pensamos que o resultado deste trabalho proporcionou atenção maior ao impacto do AfroUneb na constituição de subjetividades e nas práticas pedagógicas destes(as) docentes. Permitiu ver de perto a realidade enfrentada por esses sujeitos e suas artes de fazer cotidianas, astúcias e táticas (CERTEAU, 1998) quando encaravam situações das mais diversas nas suas salas de aula. Como a Lei 10.639 ainda era uma novidade na região, o AfroUneb que aconteceu na cidade de Santo Antônio de Jesus mostrou-nos a sua relevância, o grande propósito atingido foi enxergar esses(as) professores(as) como atores/atrizes sujeitos de sua própria história e construtores(as) de seus próprios saberes, práticas pedagógicas e conhecimentos.

AfroUneb: um “Movimento Negro Educador”

No candomblé, quando uma turma sai para ser iniciada eles chamam de “barco” e essa configuração estabelece uma relação de irmandade entre os(as) envolvidos(as) que compartilham a experiência da iniciação. Dessa maneira, podemos afirmar que o “barco” do AfroUneb foi concebido a partir de um xirê epistêmico⁴. Inicialmente concebido como programa de formação de professores(as), o AfroUneb acabou se tornando um catalisador de muitas outras demandas de estudantes, docentes e até mesmo funcionários do Campus V. A importância deste programa é ampliada pelo professor Denilson Lessa⁵:

“Eu diria que tem uma participação importantíssima, primeiro para a cidade de Santo Antônio de Jesus, segundo para várias outras cidades do Recôncavo e para além do Recôncavo, digo isso porque não apenas os alunos se constituíram no público-alvo, mas também professores da rede básica, do ensino primário, fundamental e médio, os professores da rede participavam livremente das diversas discussões”. “. (Citação de entrevista concedida ao autor em 2021).

Se no início ainda se buscava garantir um mínimo de material sobre os conteúdos da Lei, com pesquisas bibliográficas muito iniciais e produções de textos ainda incipientes, o Programa AfroUneb assentou epistemes afrodiáspóricas, semeou o campo da educação das relações étnico-raciais na Bahia, organizou o xirê epistêmico e formou muita gente. Hoje, é um núcleo interdisciplinar de estudos africanos e afro-brasileiros consolidado, sediado no Campus V. Segundo Wilson Mattos⁶, atualmente o grupo de pesquisa se dedica mais à pesquisa e produção de seminários, contudo, não abandona nunca a formação de professores(as). Para Denilson Lessa, o Programa AfroUneb

“faz parte daquilo que nós chamamos de memória social, daquilo que é hoje o Núcleo AfroUneb, desde a Primeira Semana de Consciência Negra. Compõe aquilo que nós chamamos da memória histórica, da memória social do Núcleo AfroUneb”. (Citação de entrevista concedida ao autor em 2021).

Um programa antirracista de formação de professores(as), um núcleo de estudos descolonizador, uma força Ubuntu. Utilizamos o conceito de Ubuntu coadunando com o que propõe Mattos (2018, E-book), ou seja, distanciar-se de uma pretenciosa definição do termo em si e uma atenção maior ao exercício metodológico que ele possibilita. Entendendo-o como “uma variável de interpretação crítica descolonizadora ante os fundamentos epistemológicos e teóricos herdados da tradição ocidental” (MATTOS, 2018, E-book), traduzindo-se como tentativa de ampliação de compreensões

mais ousadas e inovadoras das dinâmicas de relações e hierarquias étnico-raciais, pretendendo produzir representações que influam mais eficazmente na luta antirracista. A importância do uso é ratificada no próprio pensamento do autor ao afirmar que

independente da classificação no interior do gradiente de cores que configura a identidade racial dos brasileiros, cabe aos intelectuais antirracistas e suas respectivas instituições de afiliação profissional e/ou política avançar mais ousadamente na proposição e na integração articulada de formas de produção, difusão, formação, transmissão e, sobretudo, organização de conhecimentos, ajustadas à contemporaneidade de expressão e representação dos conteúdos, métodos e concepções mais próximas das experiências dos povos negros da África e da diáspora africana nas Américas. (MATTOS, 2018, E-book)

Segundo Kashindi, Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. Na apresentação da “máxima zulu e xhosa, umuntu ngumuntu ngabantu”, isto é “uma pessoa só é uma pessoa através de outras pessoas”, no qual faz alusão a noção de que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos, pois, “na relação como o outro estar com o Outro é perceber a interdependência que nos constitui como seres humanos”. (KASHINDI APUD MORAES, 2019, p. 5) Podemos entender que os princípios da partilha, da preocupação com o outro e do cuidado mútuos, assim como a solidariedade e a generosidade constituem coletivamente o Ubuntu (RAMOSE, 2010), uma plenitude ética, uma condição de existência e reconhecimento que só encontra propósito na relação com a comunidade. Para Renato Nogueira, a importância da generosidade, um dos pilares do Ubuntu

é exaltada num sentido cada vez menos convencional, não se trata de ofertar, doar recursos ou fazer das outras pessoas um objeto da caridade individual. Mas, significa trabalhar junto e fazer do resultado dos esforços um campo vasto para circulação e proveito de todas as pessoas. Em outros termos, num sentido afroperspectivista, não ser avarento é compreender que o resultado de um trabalho individual nunca é realmente obra de uma pessoa; mas, sempre contou com a participação direta e indireta de outras pessoas. Portanto, o valor das coisas precisa ser compartilhado para reconhecermos as diversas faces de nossa existência junto com os outros. (NOGUEIRA, 2011, p. 149)

Recobrar esse ideal de diálogo e alteridade é fundamental, Estes aspectos são constitutivos da ética da convicção antirracismo (SANTOS, 2011) e considero estar presentes nas várias etapas da formação docente. O Programa AfroUneb, na Área 2 - Formação de Professores(as) não se furtou a essas diretrizes quando propôs

[...] oportunizar a docentes em formação e/ou em exercício na rede pública de ensino, o acesso a informações relativas à

história da África, história das populações negras no Brasil e cultura afro-brasileira, ressignificando princípios ético-relacionais essenciais a uma prática pedagógica comprometida com a construção da igualdade étnico-racial. (DOCUMENTO DO AFROUNEB, 2005)

Nas palavras de Bas'lele Malomalo (2020), Ubuntu é o ser sendo, um ser sempre relacional, em complementaridade, um paradigma epistemológico, uma filosofia de vida, é estar com o outro, axé, força e vida⁷. Por tudo o que produziu e ainda produz, em termos de formação profissional, ética e humana, consideramos o AfroUneb um Movimento Negro Educador, sinalizando a proposta do contundente livro “O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação”, de autoria da professora Nilma Lino Gomes (2018). Reivindica-se o lugar do Programa como um Movimento Negro Educador tendo em vista seu permanente papel na constituição de uma pauta antirracista na educação, pela formação de tantos(as) outros(as) educadores(as) na cidade de Santo Antônio de Jesus e mesmo na Bahia e a consolidação de epistemologias negras produzidas por intelectuais negros(as) imbuídos das questões étnico-raciais em suas produções e pautas políticas. Produtor e sistematizador de saberes construídos por grupos não hegemônicos, o AfroUneb atuou e atua de forma incisiva. Por Movimento Negro, entende-se

[...] as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negra no Brasil, de rompimento das barreiras raciais impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. (GOMES, 2018, p. 23-24)

Produtor e promotor de epistemes negras, reordenador de enunciados e rotas, o AfroUneb, particularmente, através da sua formação nos permitiu investir em uma nova agência, em conhecimentos, saberes, afetos, gingas. Enquanto sujeito político, o movimento “afrounebio” fomentou a produção de novos discursos, ações políticas e fortalecimentos coletivos não se poupando no combate às formas de exclusão e violência, promovendo subjetividades

negras inconformadas e antirracistas, possibilitando nos reconhecermos em novos horizontes. Foi durante a participação no Programa que se afirmou uma estética negra de forma liberta e segura. Quando os adereços religiosos não mais causaram apreensão. Quando o espelho informou mais do que questionou. Isso tudo diz respeito àquilo que Hall (2003) define como repertórios culturais próprios, formas de estar no mundo, de agir, representações e contranarrativas que lutamos para expressar. Somos herdeiros(as) desses saberes ancestrais e é dessa forma que nos posicionamos na sociedade.

Conclusão

O AfroUneb nasceu enquanto projeto de extensão da UNEB como proposta de formação continuada de professores(as) da rede pública do estado para educação das relações étnico-raciais, parte integrante da implementação da Lei 10.639. A atuação do projeto impulsionou uma educação questionadora dos modelos coloniais de formação e proporcionou tanto aos(as) estudantes de graduação, enquanto bolsistas, quanto aos docentes (formandos) a incorporação de saberes descolonizadores, outras linguagens e discursos.

A participação de professores(as) formadores(as) universitários com ampla experiência nas discussões da história das populações africanas, afrobrasileiras e demais populações negras em diáspora teve um papel fundamental na profusão de conhecimentos. Dessa forma, posso dizer que se constituiu um verdadeiro xirê epistêmico preto, onde a construção do saber se deu de maneira mútua, horizontal e circular, compreendida em função dos diversos contextos. Sendo assim, formaram-se os professores formadores (docentes universitários), formaram-se os estudantes (bolsistas) e formaram-se os professores das redes de ensino, cujas experiências atravessaram não somente as práticas pedagógicas como as percepções de si.

Por fim, reivindica-se o lugar do AfroUneb como um Movimento Negro Educador tendo em vista seu permanente papel na constituição de uma pauta antirracista na educação, pela formação de tantos(as) outros(as) educadores(as) na cidade de Santo Antônio de Jesus e a consolidação de epistemologias negras produzidas por intelectuais negros(as) imbuídos das questões étnico-raciais em suas produções e pautas políticas. ■

Notas

¹ Coletivo de estudantes negros(as) pertencente ao Campus V da Universidade do Estado da Bahia.

² Esta junção de palavras é utilizada de forma corrente por pesquisadores(as) dos Estudos dos Cotidianos, especificamente na Linha de Pesquisa Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).(OLIVEIRA, 2012, p. 47-70)

³ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

⁴ Aqui é uma representação simbólica tomada por empréstimo do universo religioso afro-brasileiro. É um signo que permite problematizarmos a concepção hegemônica da produção do conhecimento. Segundo Muniz Sodré (1988), este signo (xirê) “designa a ordem em que são entoadas nas festas as cantigas para os orixás, mas também a própria festividade, o ludismo. Os ritmos que chegam à sociedade global são, no fundo, expansões da atmosfera do xirê”. (SODRÉ, 1988, p. 140)

⁵ Professor da Universidade do Estado da Bahia, Mestre em História Social e atualmente doutorando em Estudos Étnicos e Africanos, ambos pela Universidade Federal da Bahia. Foi um dos idealizadores do Programa AfroUneb.

⁶ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia. É membro fundador da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) e outro idealizador do Programa AfroUneb.

⁷ MALOMALO, Bas'Illele. Filosofia africana do NTU e a defesa de direitos biocósmicos. *Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2* (2019), p. 76-92. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49144/28609>. Acesso em: 21 de maio de 2020.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo. Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura)
- GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz, GOMES, Nilma Lino. **O desafio da diversidade**. In: GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz, GOMES, Nilma Lino. *Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GROSGOQUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, [online], n. 80, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rcs/697>. Acesso em: 02 mai. 2020.
- HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis. Vozes, 2000.
- LACERDA Eliane Fernandes de; OLIVEIRA Inês Barbosa de. **Os currículos praticados pensados de uma escola da rede pública municipal de Angra dos Reis/RJ: em busca da justiça cognitiva e da tessitura da emancipação social**. *Revista e-Curriculum*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016, vol. 14 Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76649457004>. Acesso em: 15 de jun. de 2020.
- LANDER, Edgardo. *Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos*. In: LANDER, EDGARDO (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. [Buenos Aires, Argentina]: Colección Sur Sur, CLACSO, set. 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 29 jun. 2020.
- MALOMALO, Bas'Illele. Filosofia africana do NTU e a defesa de direitos biocósmicos. **Problemata: R. Intern. Fil. V. 10. n. 2** (2019), p. 76-92. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49144/28609>. Acesso em: 21 de maio de 2020.
- MATTOS, Wilson Roberto de. **Ubuntu: por uma outra interpretação de ações afirmativas na universidade**. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSGOQUEL, R. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2018. (Coleção Cultura Negra e Identidades)
- MENESES, Maria Paula, SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Biblioteca Nacional de Portugal. 2009.
- MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de trans-formação**. In: NÓVOA, António. (Org). *Vidas de Professores*. Porto. Porto Editora, 1995.
- MORAES, Marcelo José Derzi. A filosofia ubuntu e o quilombo: a ancestralidade como questão filosófica. **Revista África e Africanidades**. 2019 - ISSN 1983-2354. Disponível em: www.africaeaficanidades.com.br. Acesso em: 15 jun. 2020.
- NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa. Dom Quixote. 1995.
- RAMOSE, Mogobe. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. **Revista Ensaios Filosóficos**. Moçambique. 2011.
- SANTOS, Sales Augusto dos. **A metamorfose de militantes negros em negros intelectuais**. *Revista Mosaico*. 2011. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/62800/61936>. Acesso em: 2 de set. de 2017.